

Shumway, Nicolas. *A invenção da Argentina: História de uma idéia*, tradução Sérgio Bath e Mário Higa. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo; Brasília: editora Universidade de Brasília, 2008.

Karolline Pacheco Santos¹

Um dos pontos mais complicados e discutidos quando se trata de América Latina é a questão das identidades. Especialmente se tratando da América hispânica e o fato de que províncias antes unidas sob um mesmo vice-reinado após a independência se tornaram países totalmente diferentes apesar de compartilharem uma mesma história de colonização. Isso é ainda mais importante de ser pensado já que no ano que vem, vários desses países comemorarão o bicentenário da independência, evento que acabou se tornando marco original de suas formações como Estados nacionais ,autônomos e independentes do colonialismo espanhol. A construção das identidades tem como base fundamental para fomentar esse sentimento de união a idéia de um passado comum e é exatamente isso que torna dentro do contexto latino-americano essa construção mais em um problema do que em uma solução.

A Argentina como caso particular enfrentou, e enfrenta, um duplo problema já que tentava se definir de uma forma que a diferísse radicalmente dos outros países latinos e um problema de identidade interno que colocava em lados opostos uma identidade provinciana e uma portenha. Nicolas Shumway utiliza o termo ficções-diretrizes para definir as diversas correntes de pensamentos idealizados por pensadores em diferentes épocas, que nortearam o processo de construção da identidade na Argentina e que procuraram de algum modo definir planos de progresso ou explicar as causas do dito fracasso da nação argentina. Na falta de mitos próprios, ou na recusa deles, o trabalho de identificação se transformou em uma busca e imitação de modelos ideais que vinham de fora e que seriam as diretrizes para a modernização e civilização da ‘barbárie’ dos pampas argentinos. Após as lutas de independência a tendência para modelos de organização política e social, de civilização e, mas claramente de nação acabaram sendo importados da Europa como ideal que transformou a Europa e Estados Unidos nas repúblicas prósperas do século XIX, em uma tentativa clara de imitação e rejeição daquilo que lembrasse a herança colonial. Nas províncias argentinas essa tendência se manifestou de uma maneira ainda mais evidente e aberta especialmente por ter se transformado em uma das principais e mais duradouras ficções-diretrizes da história da Argentina, a idéia de uma Europa da América Latina. Diretriz que estabelece uma longa

¹ Graduanda em História pela Universidade de Brasília – UnB.

tradição de negação da autoridade dos caudilhos e toda cultura ligada aos localismos provinciais e supervalorização de Buenos Aires como centro de controle da nova república.

Uma figura emblemática e precursora dessas políticas foi Mariano Moreno que em um escrito atribuído a ele, o *Plano*, funda uma política exclusivista e autoritária que perdura na Argentina dentro do plano político ainda nos dias de hoje. Com uma valorização do Estado - curioso pelo fato de que Mariano Moreno também escreve *Representación* um texto basicamente sobre liberalismo clássico - e outras práticas não relacionadas com o discurso liberal da época, mas que ainda assim não esconde as peculiaridades do discurso ambíguo de Moreno e a superioridade de Buenos Aires diante das províncias. Desse modo se inicia o processo contínuo da história de construção nacional argentina que é marcada essencialmente pelo dinamismo de duas correntes opostas que se alternam em diferentes períodos e representam nada mais que outra característica fundamental pra se entender a política argentina; sempre dois pólos que se enfrentam e tentam se tornar verdades diante da confusão e complexidade de se criar mitos e figuras nacionais: a barbárie contra a civilização, unitários e federalistas, Buenos Aires e províncias. Este último se torna o principal motivo dos embates e confusões desde o fim do jugo colonial aos dias de hoje, portenhos insistem em manter seu predomínio na região enquanto nas províncias caudilhos exercem seu poder local na busca da autonomia dentro da Confederação; a partir daí essas correntes opostas se reúnem em dois partidos, o unitário e federalista que se apóiam em bases intelectuais que buscam justificar a autoridade de uma sobre a outra e fazem emergir heróis nacionais e figuras típicas do que seria essa pretensa nação Argentina.

Quando Artigas e Hidalgo transformam o gaúcho no típico argentino e expõe os primeiros conceitos de democracia radical que bate de frente com as concepções unitárias e morenistas de que a independência seria produto de uma elite esclarecida que controlava as massas selvagens, definem uma nova ficção-diretriz que seria o populismo e fixariam a base nativista do nacionalismo que surgiria mais a frente através de escritos como *Las dos políticas* de Andrade e *El gaucho Martín Fierro* de Hernández. O federalismo provincial, muito diferente do federalismo de Buenos Aires que se torna nada mais que um unitarismo sob o comando de um caudilho portenho como foi o caso de Rosas, é visto como fundamental para cumprir o objetivo de formar uma Argentina unida e democrática. As bases intelectuais dessa corrente política são exatamente a figura do gaúcho como parte da população autóctone, a valorização da cultura popular e de certo modo inclusive da personagem do caudilho, citando Alberdi, “como uma democracia ‘mal-organizada’ [a dos caudilhos] ainda é melhor que a

antipopular ‘democracia inteligente’ que só abre espaço para a elite portenha europeizada”¹. Delineia-se aqui as duas formas opostas e fundamentais que se apóiam as disputas políticas e fazem surgir uma lógica básica onde personagens políticas que se movimentam entre essas duas formas de pensar a Argentina criam novas ficções-diretrizes e tradições políticas nem sempre bem-vindas quando se fala em uma república democrática autêntica. Das políticas de extermínio de Moreno à inauguração dos golpes a governos eleitos como fez Lavalle e da ditadura de Rosas e sua *mazorca* à intolerância de Sarmiento, a futura Argentina já parecia fadada ao fracasso por uma incapacidade de se manter sob uma ordem comum e tolerante, que uniria diferentes províncias autônomas sob o signo de argentinos.

Representante singular desse espírito proto-argentino confuso e ambíguo, mais do que Moreno, como afirma o autor, é Alberdi. Este transita entre a defesa de uma visão exclusivista e unitária a uma visão tipicamente popular e federalista, noções essencialmente argentinas e, portanto ilustrativas do pensamento da época sobre seus problemas internos. Além de demonstrar também dentro da linha nacionalista a mesma idéia de duas faces da história argentina; como afirma Shumway “Alberdi introduz aqui uma das imagens mais sedutoras e duradouras da historiografia nacionalista: a noção de dois países, duas sociedades, dois desenvolvimentos paralelos, duas histórias.” (SHUMWAY, 2008 p. 286).

Alberdi define nos dois opostos, ficções que marcaram a política argentina e participa ativamente dos debates que definem sua postura, contraditória mas ao mesmo tempo parte de uma mudança intelectual que entra em consonância com a sua época, exemplo vivo do dinamismo por que passa o imaginário argentino, da sua política à forma como se vê. Antes de ser lembrado como integrante da geração de 1837 vale lembrar do Alberdi que escreve *Fragmentos*, idéias iniciais que serão esquecidas por um tempo, mas que serão também resgatadas em outro momento posterior à ditadura rosista que é pano de fundo dessa mudança intelectual. Em *Fragmentos* vemos um intelectual muito próximo dos conceitos de Hidalgo e Artigas, um provinciano que vê em Rosas um governante natural e necessário para construção da Confederação e crítico das políticas exóticas de Rivadavia que tentava transformar a Argentina em uma Europa americana. Vendo que o federalismo de Rosas não passava de um disfarce para a sustentação de um ditador, uniu-se a outros pensadores no objetivo comum de derrubar os rosistas e com isso desenvolve uma mudança substancial no seu pensamento político, fruto de uma época conturbada e parte da confusa história política argentina. Como parte da geração de 1837 o Alberdi de *Bases* funda um dos textos mais influentes para a política argentina, em que define posições muito diferentes; se torna agora um admirador das

criticadas “políticas exóticas” e um crítico da típica figura do caudilho e dos gaúchos. Não se atribui isso a uma vulnerabilidade de pensamento ou incapacidade de sustentar posições, mas uma atitude clara de reavaliação e contextualização, sempre influenciado por idéias correntes da época e produto delas. Nesse momento Alberdi defende a imigração como modo de substituir as raças inferiores, mas ainda entende de forma perspicaz o papel dos caudilhos como exemplo de uma cultura política de um executivo forte e inerente ao cenário argentino, nutre o sentimento anti-hispânico, a superioridade argentina e de importação de idéias externas como única forma de revitalização da Argentina. Apresenta-se como um típico pensador liberal, desacreditado do progresso da nação por ela mesma e compartilhador do tripé do fracasso fundamentado por Sarmiento em *Facundo*: raça, herança espanhola e terra (apesar deste último ainda ser discutível para ele.); ou seja, a Argentina já esta prometida ao fracasso por seu passado, fator da inegável falta de autoconfiança que norteia alguns pensadores. É no conflito posterior a queda de Rosa, no retorno do ideal democrático que Alberdi firma suas teorias em uma retomada dos *Fragmentos* e no apoio ao caudilho Urquiza na luta contra a fragmentação argentina arquitetada por Bartolomé Mitre, outro grande fundador de ficções-diretrizes e ainda mais importante por se utilizar da escrita da história como mecanismo essencial da criação de heróis nacionais. Nesse momento de debates intensos em que Sarmiento e Alberdi personificam essas divergências de opiniões no cenário argentino, Alberdi se volta novamente para uma cultura preexistente e natural da Argentina e do que poderia ser as bases da criação de uma identidade autêntica, dos gaúchos, do caudilho e das províncias, enquanto Sarmiento se esforça em manter o apoio a Mitre e à rebeldia portenha diante da tentativa de federalização de Urquiza.

Dessa forma Alberdi se direciona para a crescente corrente nacionalista entendendo ser impossível criar uma nação excluindo aquilo que sempre fez parte dela, criando teorias de integração desses elementos ditos atrasados do contexto argentino à construção de uma república próspera e comprova mais uma vez ser um homem de sua época, fruto da vulnerabilidade do espírito argentino em um momento decisivo de busca de diretrizes nacionais onde o fator identidade exerce um papel essencial na consolidação como nação. A Argentina, mais do que qualquer outro país latino-americano é exemplo de como políticas perduram, como mitos se inserem como fantasmas e ficções que serviam como direcionadoras influenciaram vários segmentos da vida pública argentina e se fixaram como bases ideológicas sólidas dentro do imaginário, consequência nefasta pela extrema dualidade em que se formaram e que mantém ainda conflitos entre “dois países”, uma Argentina centrada

em Buenos Aires e toda sua erudição e herança liberal com um Argentina provincial de pessoas como Martín Fierro e seus caudilhos.

¹ ALBERDI, Juan Bautista. *Grandes y pequeños Hombres Del Plata*, Garnier, 1912. pp 197-198